

METODOLOGIAS DE ENSINO DE LEITURA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM CRIANÇAS AUTISTAS NA CIDADE DE SÃO FRANCISCO DO CONDE-BA¹

Deisiane Bernardo da Silva²

RESUMO

Autismo (Transtorno do Espectro Autista – TEA) é um problema no desenvolvimento neurológico que prejudica a organização de pensamentos, sentimentos e emoções. Os sintomas aparecem como déficits persistentes na comunicação e na interação social, com padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O TEA está dividido em 3 níveis de gravidade: leve, moderado e grave. Com o tratamento é possível migrar entre os níveis e, em alguns casos, ter uma vida autônoma. O presente descrito emerge no anseio de investigar as Metodologias de Ensino da Leitura da Língua Portuguesa para crianças autistas na cidade de São Francisco do Conde, Bahia. Uma vez que a tarefa docente é desafiador questionam-se os desafios que educadores enfrentam no ensino da leitura e aprendizagem dos autistas. A pesquisa tem como objetivos gerais a) Investigar as Metodologias de Ensino da Língua Portuguesa em crianças Autistas na cidade de São Francisco do Conde-BA, buscando compreender esse processo de ensino da leitura das crianças com necessidades educativas específicas, compreendendo as dificuldades e características específicas dessas crianças, a fim de contribuir para o desenvolvimento de estratégias metodológicas e intervenções adequadas. Como objetivos específicos a pesquisa busca a) Identificar Metodologias Existentes, realizar um levantamento das metodologias utilizadas no ensino da leitura para crianças autistas, tanto em São Francisco do Conde-BA quanto em outras regiões, destacando suas características e abordagens; b) Analisar a Efetividade das Metodologias: Avaliar a eficácia das metodologias identificadas através de estudos de caso ou entrevistas com educadores e pais, focando no impacto no desenvolvimento da leitura e compreensão de texto; c) Investigar o Contexto Local: identificando as metodologias de ensino numa escola campo do município de São Francisco do Conde-BA; d) analisar a formação e capacitação dos professores que atuam na educação

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.

² Pedagoga, Especialista em Gestão e Organização de Escolas e em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento, pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera (UNOPAR). Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

inclusiva, analisando como eles são preparados para trabalhar com crianças autistas e aplicar metodologias de ensino da leitura; e) Propor Diretrizes de Melhoria, com base nas análises realizadas, sugerir diretrizes e práticas que possam ser adotadas para melhorar o ensino da leitura para crianças autistas em São Francisco do Conde-BA. A metodologia empregada combina abordagens qualitativas e quantitativas (método misto), utilizando questionário como instrumento de coleta de dados. O questionário teve 20 questões sendo elas 19 fechadas e 1 aberta. A pesquisa recebeu respostas de 37 participantes. Da pesquisa se conclui que é necessária uma atenção especial e dedicada às estratégias de leitura empregadas, abordando desde métodos tradicionais até abordagens inovadoras, incluindo o uso de recursos tecnológicos, recursos sensoriais e atividades lúdicas. A implementação de metodologias inclusivas ainda enfrenta desafios significativos. Este estudo contribui para a reflexão sobre a necessidade de aprimorar as práticas pedagógicas, visando garantir a inclusão efetiva de crianças autistas no ensino da leitura da Língua Portuguesa. A pesquisa evidenciou a importância de desenvolver estratégias adequadas que atendam às especificidades desse grupo.

Palavra-chave: leitura - desenvolvimento; crianças com Transtorno do Espectro Autista - São Francisco do Conde (BA); língua portuguesa; ensino - metodologia.

ABSTRACT

Autism (Autism Spectrum Disorder – ASD) is a neurological developmental problem that impairs the organization of thoughts, feelings and emotions. Symptoms appear as persistent deficits in communication and social interaction, with restricted and repetitive patterns of behavior, interests or activities. ASD is divided into 3 levels of severity: mild, moderate and severe. With treatment, it is possible to migrate between levels and, in some cases, to have an independent life. The present study emerges from the desire to investigate the Methodologies for Teaching Reading in Portuguese for autistic children in the city of São Francisco do Conde, Bahia. Since the teaching task is challenging, the challenges that educators face in teaching reading and learning to autistic children are questioned. The research has as general objectives a) To investigate the Methodologies of Teaching Portuguese Language to Autistic Children in the city of São Francisco do Conde-BA, seeking to understand this process of teaching reading to children with specific educational needs, understanding the difficulties and specific characteristics of these children, in order to contribute to the development of methodological strategies and appropriate interventions. As specific objectives, the research seeks to a) Identify

Existing Methodologies, carry out a survey of the methodologies used in teaching reading to autistic children, both in São Francisco do Conde-BA and in other regions, highlighting their characteristics and approaches; b) Analyze the Effectiveness of the Methodologies: Evaluate the effectiveness of the methodologies identified through case studies or interviews with educators and parents, focusing on the impact on the development of reading and text comprehension; c) Investigate the Local Context: identify the teaching methodologies in a rural school in the municipality of São Francisco do Conde-BA; d) analyze the training and qualification of teachers who work in inclusive education, analyzing how they are prepared to work with autistic children and apply reading teaching methodologies; e) Propose Improvement Guidelines, based on the analyses carried out, suggest guidelines and practices that can be adopted to improve the teaching of reading for autistic children in São Francisco do Conde-BA. The methodology used combines qualitative and quantitative approaches (mixed method), using a questionnaire as a data collection instrument. The questionnaire had 20 questions, 19 of which were closed and 1 open. The survey received responses from 37 participants. The research concludes that special and dedicated attention is needed to the reading strategies employed, covering everything from traditional methods to innovative approaches, including the use of technological resources, sensory resources and recreational activities. The implementation of inclusive methodologies still faces significant challenges. This study contributes to the reflection on the need to improve pedagogical practices, aiming to ensure the effective inclusion of autistic children in the teaching of reading in Portuguese. The research highlighted the importance of developing appropriate strategies that meet the specific needs of this group.

Keywords: reading - development; children with Autism Spectrum Disorder - São Francisco do Conde (BA); Portuguese language; teaching - methodology.

1 INTRODUÇÃO

Um dos idiomas mais falados do mundo, é a língua portuguesa com milhões de falantes em diversos países. O domínio dessa língua é fundamental não apenas para a comunicação, bem como para a expressão cultural, identidade e cidadania de um indivíduo, dessa forma podemos afirmar que desempenhando um papel significativo na formação dos indivíduos a língua portuguesa acaba por fazer essa integração entre sociedade e vida acadêmica. Neste

sentido, Ribeiro (2016, p.314) afirma que: “Um dos maiores desafios dos professores de língua portuguesa do ensino fundamental é ensinar a ler com proficiência”. Nas últimas décadas, investigações acerca da aprendizagem centram seu foco nos aspectos cognitivos envolvidos em qualquer aprendizado, o comportamento inconsciente e automático do aluno face ao novo. Além dos processos cognitivos associados ao aprendizado, os processos metacognitivos que coordenam as aptidões cognitivas envolvidas na memória, leitura e compreensão de textos têm sido levados em conta desde a década de 1970 (Ribeiro, 2016).

Diante desse pensamento e reconhecendo o papel significativo que a língua desenvolve na vida do indivíduo em sociedade muitas das metodologias de ensino da leitura da língua portuguesa que temos conhecimento fez-se necessário ao longo dos anos adaptar-se às necessidades dos alunos e às mudanças sociais, a abordagem de tecnologias no ensino, por exemplo, trouxe novas ferramentas e recursos que tornam o aprendizado mais dinâmico e interativo, a evolução das teorias educacionais também impactou a forma como a língua é ensinada, levando a uma reflexão constante sobre práticas pedagógicas.

O processo de ensino da leitura e aprendizagem é um marco importante no desenvolvimento humano, permite que as pessoas se comuniquem, expressem suas emoções, interajam socialmente e adquiram conhecimento. No entanto, para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o processo de ensino da leitura é um tanto quanto desafiador e podem apresentar peculiaridades significativas. Distúrbio do neurodesenvolvimento é caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades (Misau, 2022). Diante dessa realidade, faz-se necessário desenvolver projetos de pesquisa que investiguem metodologias de ensino da leitura no que tange a língua portuguesa para crianças com necessidades específicas em especial o transtorno do espectro autistas.

Existem algumas razões que justificam esse estudo, em primeiro lugar, crianças autistas frequentemente enfrentam dificuldades no que diz respeito a aprendizagem, o que nos remete a pensar sobre as metodologias de ensino da leitura da língua portuguesa para o desenvolvimento social e aprendizado dessas crianças com necessidades específicas, como ponto inicial desta pesquisa buscamos compreender os desafios específicos que essas crianças enfrentam durante o processo de aprendizagem e leitura, para que possamos entender e colaborar no desenvolvimento de metodologias de ensino, estratégias e intervenções eficazes que promovam ou mesmo estimulem o potencial comunicativo e interacional dos alunos.

Além disso, nessa fase do desenvolvimento infantil, espera-se que as crianças adquiram habilidades linguísticas mais complexas, nesta etapa os alunos estão passando pelo processo de alfabetização mesmo com limitações espera-se que compreendam e desenvolvam a gramática, o vocabulário e a compreensão de conceitos abstratos. No entanto, crianças autistas podem apresentar atrasos ou dificuldades nessas áreas específicas. Ao compreender os padrões de aquisição da linguagem e o processo do desenvolvimento da leitura nessa faixa etária, é possível identificar áreas específicas de intervenção e desenvolver estratégias que ajudem aprimorar as habilidades linguísticas das crianças autistas.

Detalhando um pouco melhor as pesquisas sobre as características da leitura dessa população, parece haver um consenso nos estudos em afirmar que, quando essas pessoas aprendem a ler, há uma diferença importante no desempenho delas no que se refere à leitura oral do texto (resposta vocal sob controle de palavra impressa, sem necessariamente compreender o que está escrito nele) e à leitura com compreensão (que exige necessariamente o entendimento do conteúdo expresso no texto): os estudos apontam, com unanimidade, melhores desempenhos na leitura oral do que na compreensão do texto. De maneira geral os estudos indicam problemas na leitura de pessoas com autismo, já que um leitor eficiente deve ser capaz de ler oralmente e de compreender aquilo que lê. (Gomes, 2015, p. 14).

Além disso, seguir uma abordagem longitudinal nesta pesquisa permitirá um acompanhamento mais detalhado do desenvolvimento do ensino de leitura das crianças autistas ao longo do tempo. Considerando que o TEA é um transtorno que se manifesta de forma diversa em cada indivíduo, é importante ter um olhar mais abrangente das diferentes trajetórias do ensino da leitura para esta população. Essa abordagem nos permitirá identificar fatores de proteção, padrões de progresso e áreas sensíveis ao desenvolvimento da leitura, fornecendo informações valiosas para profissionais da educação que acompanham em sua rotina diária alunos com necessidades específicas em especial TEA.

Outro ponto importante a se destacar é o impacto social e emocional que o hábito da leitura pode causar na vida das crianças autistas. A habilidade de se comunicar efetivamente é fundamental para a inclusão social, a participação em atividades educacionais e o desenvolvimento de relacionamentos significativos. Portanto, a compreensão dos desafios relacionados ao ensino e aprendizado da leitura em crianças autistas se torna ainda mais relevante quando se busca promover uma sociedade mais inclusiva e capacitar essas crianças a desenvolver habilidades como a leitura de forma autônoma.

A pesquisa parte da premissa de que o processo de ensino-aprendizagem para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no âmbito do Ensino Fundamental I, demanda

abordagens Metodológicas no ensino da leitura da língua portuguesa em alunos com necessidades educativas, que sejam tanto adaptadas quanto inclusivas. Neste contexto, foram formuladas hipóteses que sugerem que a utilização de estratégias que promovam a comunicação e a interação pode potencializar o aprendizado. A formação contínua dos profissionais da educação emerge como um fator fundamental, pois capacita esses educadores a identificar e atender às necessidades específicas de cada aluno.

A pesquisa tem como objetivos gerais a) Investigar as Metodologias de Ensino da Língua Portuguesa em crianças Autistas na cidade de São Francisco do Conde-BA, buscando compreender esse processo de ensino da leitura da em crianças com necessidades educativas específicas, compreendendo as dificuldades e características específicas dessas crianças, a fim de contribuir para o desenvolvimento de estratégias metodológicas e intervenções adequadas.

Como objetivos específicos a pesquisa busca a) Identificar Metodologias Existentes: Realizar um levantamento das metodologias utilizadas no ensino da leitura para crianças autistas, tanto em São Francisco do Conde-BA quanto em outras regiões, destacando suas características e abordagens; b) Analisar a Efetividade das Metodologias: Avaliar a eficácia das metodologias identificadas através de estudos de caso ou entrevistas com educadores e pais, focando no impacto no desenvolvimento da leitura e compreensão de texto; c) Investigar o Contexto Local: Identificar as metodologias de ensino numa escola campo do município de São Francisco do Conde-BA; d) Investigar a formação e capacitação dos professores que atuam na educação inclusiva, analisando como eles são preparados para trabalhar com crianças autistas e aplicar metodologias de ensino da leitura; e) Propor Diretrizes de Melhoria: Com base nas análises realizadas, sugerir diretrizes e práticas que possam ser adotadas para melhorar o ensino da leitura para crianças autistas em São Francisco do Conde-BA.

A relevância desta pesquisa reside em compreender os desafios enfrentados por profissionais da educação ao lidarem com a inclusão de crianças autistas nas práticas Metodológicas de ensino da leitura. O estudo visa orientar a implementação de metodologias. Espera-se que os resultados contribuam para a melhoria da qualidade de vida dessas crianças, facilitando sua integração em ambientes escolares e sociais.

2 O ENSINO DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL 1

No Ensino Fundamental 1 o ensino da leitura é um aspecto que vem elencado numa escala do processo de alfabetização, da formação educacional das crianças, pois estabelece as

bases para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas ao longo da vida. Podemos considerar a leitura não apenas decodificação de palavras, ela envolve a compreensão, interpretação e análise de textos, habilidades que são cruciais para o sucesso acadêmico e pessoal, nesse sentido, é importante discutir a importância do ensino da leitura, as metodologias utilizadas, os desafios enfrentados e as implicações para o futuro dos alunos.

A lei de diretrizes e bases da educação (Brasil, 1996) estabelece que: Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

A princípio, a leitura é uma ferramenta essencial para o aprendizado nas disciplinas, ao ler, as crianças têm acesso a informações, culturas e ideias que ampliam seu olhar de mundo ou seja, reforça seu banco de dados no que tange ao seu pensamento, essa pratica continua, estimula a curiosidade e a imaginação, permite que os alunos explorem mundos diferentes e desenvolvam diferentes habilidades ao se conectar com as experiências de personagens e narrativas variadas. Portanto, o desenvolvimento da leitura desde os primeiros anos é um indicador de sucesso acadêmico e social.

As metodologias de ensino da leitura no Ensino Fundamental 1 variam de formas amplas. Abordagens tradicionais, como o método fônico, focam na decodificação de letras e sons, enquanto métodos construtivistas incentivam a interpretação e a produção de textos. A escolha da metodologia deve levar em conta as necessidades e o contexto dos alunos, pois cada criança aprende de maneira única. Além disso, o uso de tecnologia, como livros digitais e aplicativos de leitura, pode ser um recurso valioso para engajar os alunos e tornar a leitura mais acessível e atraente.

Entretanto, o ensino da leitura enfrenta desafios significativos. Um dos principais obstáculos é a diversidade de níveis de leitura entre os alunos, que pode dificultar a criação de um ambiente de aprendizagem coeso. Além disso, a falta de recursos didáticos, como livros adequados e materiais pedagógicos, pode limitar as oportunidades de prática e aprendizado. Os professores também precisam de formação contínua para se manterem atualizados sobre as melhores práticas e metodologias de ensino.

Vale destacar que um dos desafios enfrentados nessa dificuldade da leitura é a relação da família com a leitura. Muitas vezes, as crianças que não têm o hábito de ler em casa enfrentam dificuldades na escola. Por isso, é fundamental que as instituições de ensino desenvolvam estratégias para envolver as famílias, promovendo a leitura como uma atividade

prazerosa e compartilhada. Programas de incentivo à leitura, como clubes do livro e feiras literárias, podem ser eficazes nesse sentido.

Como destaca o projeto viajando pelo mundo da leitura (2022) Oferecer leitura para a vida de uma criança garante muito mais que uma formação escolar, mas a formação para a cidadania. O hábito de ler incentiva a criatividade, desperta a imaginação, estimula o pensamento crítico, amplia o vocabulário, além da relação que estabelece com a escrita. E, justamente por conta disso, é que se dá a tamanha importância à leitura em qualquer fase do desenvolvimento da criança.

Como menciona Bueno (2018, p.4), nessa perspectiva, ler é ultrapassar barreiras temporais, espaciais, sociais, pois permite a interação com a diversidade de ideias, pontos de vista, formas de ver o mundo, o que é fundamental para nossa formação não apenas pedagógica, mas como pessoas. Essa prática, entretanto, precisa de um longo caminho para ser desenvolvida.

Esta fala no parágrafo anterior de Bueno (2018), destaca a importância da leitura como um instrumento de expansão de fronteiras humanas e culturais. Ao superar barreiras temporais, espaciais e sociais, a leitura promove a compreensão da diversidade de ideias, perspectivas e modos de ver o mundo, contribuindo para o desenvolvimento não apenas acadêmico, mas também pessoal.

3 O QUE É LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA

A leitura enquanto um mundo vasto de conhecimento tem a capacidade de envolver a compreensão e a interpretação, permite que o leitor transborde emoções ao modo que se conecte com diferentes ideias, culturas. Através da leitura, é que nós enquanto indivíduos desenvolvemos o senso crítico, a criatividade, uma vez que nos coloca em contato com diversas experiências.

Como menciona Dânia (2018, p. 128), quando aprendemos a ler, precisamos dominar dois processos que são de natureza sensório-fisiológica e cognitiva: os processos lexicais e os processos de compreensão. Os primeiros envolvem sacadas e fixações usadas para reconhecer letras e palavras, ativando a memória sobre a representação visual da palavra que é emparelhada com aquela internalizada pelo leitor.

Se pensarmos na leitura enquanto ferramenta primordial para a aquisição de conhecimento, sendo ela como diz o ditado popular “o divisor de águas” em contextos

acadêmicos e profissionais, veremos que são fontes de informação que enriquecem nosso entendimento do mundo, e o exercício contínuo da leitura auxilia todo o processo de letramento.

Além de ser uma fonte de informação, a leitura nos proporciona um contato mais profundo com o mundo, livros, artigos e textos oferecem diferentes perspectivas sobre culturas, histórias e ideias, dessa maneira promove o entendimento e a compreensão dos leitores, através da leitura é possível termos uma visão em particular no que tange a literatura, permitindo o leitor mergulhar em universos fictícios, conhecer personagens intrigantes e refletir sobre dilemas humanos atemporais.

Assim, a leitura não é apenas um ato mecânico, mas uma experiência enriquecedora que molda nossa visão de mundo. As crianças, ao explorarem livros ilustrados e contos, não apenas desenvolvem suas habilidades linguísticas, mas também expandem sua imaginação e criatividade. À medida que crescemos, a leitura nos acompanha em diversas fases da vida, facilitando a educação formal e a aquisição de novas habilidades em diferentes áreas do saber.

3.1 A LEITURA NA ESCOLA

O processo de leitura na escola é importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Desde os primeiros anos, a leitura deve ser incentivada como uma ferramenta de aprendizado e descoberta do mundo. Os profissionais da educação podem utilizar diferentes metodologias, como a leitura compartilhada e a análise de textos, para engajar os estudantes, a diversidade de gêneros literários explorados amplia o repertório cultural dos alunos e permite que eles se identifiquem com diferentes narrativas.

A prática contínua da leitura contribui para aumentar o nosso repertório linguístico e melhora a compreensão textual. As escolas podem criar ambientes acolhedores, com bibliotecas bem equipadas em acervo de livros e atividades que estimulem o gosto pela leitura aos alunos. Com a orientação adequada, os alunos desenvolvem habilidades críticas e reflexivas, essenciais para a formação de cidadãos conscientes.

3.2 A LEITURA E SUA RELEVÂNCIA PARA O CRESCIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

No que tange ao processo de aprendizagem, a leitura é uma ferramenta significativa e especial para crianças neurodivergentes, como aquelas no espectro autista. O ato de ler, amplia nossos horizontes. Através da leitura, as crianças têm a oportunidade de explorar mundos

diversos, vivenciar emoções e compreender diferentes perspectivas. A literatura, por sua vez, não apenas enriquece o vocabulário, mas também estimula a imaginação e a criatividade dessas crianças.

Conforme Gomes (2015, p.13), A leitura tem funções importantes na vida de qualquer pessoa, pois permite, entre outros aspectos, maior compreensão dos estímulos do ambiente, oferece recursos para interações mais amplas entre as pessoas e permite desfrutar do ambiente escolar por meio da aprendizagem de habilidades mais complexas que dependem da aprendizagem prévia da leitura. Na vida adulta, ler também possibilita uma vida autônoma, independente e com maiores oportunidades de participação no mercado de trabalho; esses aspectos são desejáveis a qualquer pessoa, especialmente aos indivíduos com necessidades especiais, como é o caso de pessoas com autismo.

A leitura pode servir como uma ferramenta terapêutica no que tange ao desenvolvimento da aprendizagem de crianças autistas, criando um espaço seguro onde a criança pode explorar suas emoções e experiências, através de livros com personagens autistas ou que abordam temas relacionados a diversidade, dessa forma trabalha não somente o cognitivo da criança, mas também estimula e engloba todo o processo de inclusão, mostrando que a diferença é uma parte natural da vida. O ato de ler em conjunto com um adulto ou um cuidador também fortalece os laços afetivos, proporcionando momentos de conexão e atenção, essenciais para o desenvolvimento emocional.

Como menciona (Ribeiro, 2016, p. 315), Entre seis e sete anos de idade, a criança começa a ser alfabetizada. Os mecanismos que coordenam os processos de aquisição da língua oral e da língua escrita são considerados os mesmos, resguardando suas diferenças estruturais. A língua oral é aquela transmitida no lar e no convívio com os falantes que compõem a comunidade linguística na qual se insere a criança. Ao passo que a língua escrita é, em geral, oferecida ao indivíduo pela instituição escolar na modalidade da língua padrão.

Outra variável importante que merece destaque é a possibilidade de escolha que a leitura proporciona, oferecer as crianças com necessidades específicas TEA a oportunidade de escolher suas próprias histórias pode aumentar o interesse e motivação dos alunos. Além da escolha dos conteúdos, a leitura coletiva pode incentivar a comunicação, pois muitas crianças se sentem mais à vontade para expressar suas ideias e dúvidas quando estão envolvidas em uma narrativa propícia ao ambiente escolar e imaginário da criança.

Gomes (2015, p. 13) define que: Ensinar pessoas com autismo a ler pode ser um desafio; a literatura científica a respeito dessa temática indica dificuldades importantes nesse processo. Nation e colaboradores afirmaram que há duas perspectivas diferentes na literatura a respeito da aprendizagem

de leitura por pessoas com autismo: a primeira considera que o repertório pobre de habilidades de linguagem, típico do quadro de autismo, coloca esses indivíduos em grande risco de fracasso na aprendizagem desse conteúdo. A segunda descreve, em diversos estudos de caso, sucessos no ensino de leitura a pessoas com autismo, embora os pesquisadores salientem a necessidade de se ter cuidado com a generalização dos resultados de estudos de caso com essa população, especialmente pela ampla variabilidade no repertório de habilidades cognitivas e de linguagem observada entre as pessoas com transtorno do espectro do autismo.

Através da leitura do descrito de Gomes (2015) conseguimos ver pontos importante sobre os desafios e as nuances do ensino da leitura para pessoas com autismo. Diante da reflexão de seus pensamentos é possível destacar que a aprendizagem da leitura pode ser um processo complexo devido à diversidade de habilidades linguísticas e cognitivas presentes nesse grupo com necessidades específicas. A primeira perspectiva mencionada ressalta que, em muitos casos, o repertório limitado de habilidades de linguagem pode dificultar significativamente a aquisição da leitura, colocando esses indivíduos em risco de fracasso.

Por outro lado, a segunda perspectiva apresenta uma visão mais otimista, apontando para casos de sucesso no ensino da leitura a pessoas autistas. A partir deste pensamento podemos concluir que, apesar das dificuldades, é possível ensinar a leitura efetivamente, desde que sejam adotadas abordagens pedagógicas adequadas e personalizadas. Contudo, em sua reflexão Gomes também adverte sobre a cautela necessária ao generalizar os resultados de estudos de caso, dado que o autismo é uma condição extremamente heterogênea. Cada indivíduo apresenta um conjunto único de habilidades e desafios, o que implica que estratégias que funcionam para alguns podem não ser eficazes para outros.

4 CRIANÇAS AUTISTAS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Na nossa sociedade brasileira considerada globalizada crianças autistas enfrentam diversos desafios, os quais incluem questões de inclusão e aceitação, apesar do avanço nas discussões sobre direitos e diversidade, muitas crianças ainda tem o desprazer de lidar com o preconceito e a falta de compreensão, o acesso a serviços especializados, como terapias e educação inclusiva, é fundamental para o desenvolvimento dessas crianças, mas muitas vezes é limitado pelas desigualdades regionais e socioeconômicas. Muito tem se falado sobre educação inclusiva que deve ser uma prioridade, pois permite que essas crianças se integrem de forma igualitária nas nossas escolas.

Conforme Silva *et al.* (2021, p. 2). As pessoas com autismo apresentam diversos comportamentos comuns a todos os níveis desse transtorno, como agressividade, gritos, birras, automutilação, choro ou risos inapropriados, falta de contato visual, imitação, impulsividade, imitação involuntária dos movimentos de outras pessoas, movimentos repetitivos, repetição sem sentido das próprias palavras, repetição de palavras sem sentido, comunicação e interação social inadequada.

Silva *et al.* (2021), afirma o quão complexo se torna o ensino e aprendizagem de pessoas com autismo, ao listar a diversidade de comportamentos que podem estar associados a esses transtornos. Conseguimos discernir como esses comportamentos, que variam em intensidade e frequência, podem impactar diretamente as dinâmicas educacionais e a forma como os educadores abordam o ensino.

É importante entender que as manifestações comportamentais mencionadas não são apenas desafios, mas também aspectos que podem ser considerados na elaboração de estratégias pedagógicas. Determinadas necessidades como a falta de contato visual, movimentos repetitivos e dificuldades de comunicação exige que os educadores adotem abordagens diferenciadas e personalizadas, reconhecendo que cada aluno possui um conjunto único de necessidades e formas de aprendizagem.

4.1 CUIDADOS QUE A ESCOLA DEVE TER COM A CRIANÇA AUTISTA

É preciso (re)pensar na formação continuada dos educadores que desempenham tais metodologias de ensino e aprendizagem com essas crianças. Professores bem preparados para entender o TEA e suas particularidades podem criar um ambiente mais acolhedor e estimulante. A capacitação deve incluir a compreensão das características do autismo, além de técnicas e práticas pedagógicas inclusivas. Dessa forma, o educador se torna um mediador eficaz, capaz de adaptar sua metodologia às exigências dos alunos.

Conforme Santos (2022), a infraestrutura das escolas nem sempre está preparada para receber alunos com TEA, e o acompanhamento dos professores, pais e responsáveis pode ser insuficiente. Outro desafio significativo é o preconceito que os alunos com TEA enfrentam, o que pode dificultar sua integração e participação plena na comunidade escolar. Dessa forma, é fundamental que sejam implementadas medidas que promovam a capacitação dos profissionais da educação, a adaptação das estruturas escolares e a conscientização sobre a importância da inclusão e respeito à diversidade.

Diante disso, é possível observarmos que as escolas devem desempenhar um trabalho inclusivo de forma acolhedora no que tange aspectos físicos e relacionados a aprendizagem de alunos autistas, é recomendável que adotem cuidados específicos para atender às suas necessidades, tanto em aprendizagem, quanto em aspectos físicos. Neste cenário de inclusão é importante que o ambiente escolar seja adaptado, proporcionando um espaço seguro e confortável, livre de estímulos excessivos que possam causar sobrecarga sensorial. Isso inclui iluminação adequada, áreas tranquilas para pausas e materiais audiovisuais que sejam acessíveis e compreensíveis aos alunos.

Como citado na Revista pública, o professor e a escola podem criar metodologias de ensino. Logo abaixo menciona uma possível estratégia que os profissionais da educação podem adaptar para trabalhar com as crianças autistas: Esse método consiste em simplificar sequências complexas através de sequências simples ou talvez discretas e ensinar cada parte da sequência simples de forma seriada, utilizando reforços positivos, contínuos ou intermitentes, até formar o aprendizado da sequência complexa e tornar o aluno independente para o uso do aprendizado em questão.

No que se refere à aprendizagem, a escola deve criar metodologias pedagógicas diferenciadas, que considerem o ritmo e as estratégias de cada aluno. Métodos como a educação individualizada e o uso de tecnologias assistivas podem facilitar a absorção do conteúdo e manter o interesse do aluno. Outro ponto de destaque é a formação contínua dos educadores sobre essa necessidade específica (autismo), isso irá contribuir para que os profissionais da educação compreendam melhor as particularidades de seus alunos.

A interação social é outro aspecto fundamental. A escola deve promover atividades que incluam todos os alunos, estimulando atividades mútuas, criando laços de amizade entre os alunos e o desenvolvimento de habilidades sociais, para isso podem utilizar programas de sensibilização que abordem a diversidade e o respeito.

Além disso, é importante que haja uma comunicação aberta entre a escola, os pais e os profissionais de saúde que acompanham essas crianças nas terapias ocupacionais, essa parceria em conjunto permite atender às necessidades específicas da criança, dessa forma a escola monitora seu progresso e pode ir ajustando as abordagens metodológicas conforme necessário. Como menciona Costa *et al.* (2014, p. 189). O artigo metodologias adaptadas para autistas em duas APAES do Paraná. Alunos autistas exigem uma atenção especial que proporcione benefícios em seu desenvolvimento através de atividades diferenciadas e exclusivas no âmbito escolar.

4.2 IDEIAS DA LDB DO ENSINO DE PORTUGUÊS NO BRASIL, NO ENSINO FUNDAMENTAL 1

De um modo geral A LDB enfatiza a importância do ensino da língua materna como meio de inclusão social, desse modo permite que os educandos se expressem de forma clara e coerente. Os objetivos do ensino de Português incluem a compreensão e a produção de textos em diferentes gêneros, o que estimula a criatividade e a imaginação.

Segundo Reis *et al.* (2019, p. 6), desde a implementação da primeira LDB (nº 4.024/61), a educação brasileira necessitava de mudanças, não somente burocráticas, mas que pudessem realmente trazer uma educação de qualidade aos estudantes, com o ensino e aprendizado dos conteúdos programáticos e com o desenvolvimento destes de uma forma crítica, podendo utilizar os conhecimentos em diferentes áreas e aspectos da vida.

O descrito anterior destaca a necessidade premente de transformações na educação brasileira desde a implementação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1961. Essa afirmação de (Reis *et al.*, 2019) revela que as mudanças exigidas vão além de apenas reformas administrativas, o ensino deve ser (re)estruturado para focar na qualidade da oferta aos estudantes. Devemos dar ênfase à importância de um aprendizado que não apenas aborde os conteúdos programáticos de forma superficial na sala de aula, mas que também venha estimular um desenvolvimento crítico dos alunos.

Como cita Reis *et al.* (2019). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96, rege a educação nacional no Brasil. Ela é a responsável, juntamente com a constituição, pelo planejamento educacional no âmbito político, ambas dispõem quanto aos principais direitos e deveres inerentes aos cidadãos, e quais os deveres do Estado para com a educação básica.

A partir das observações anteriores é possível concluir que, visando não apenas o desenvolvimento da habilidade de leitura, mas também a formação de leitores críticos e apreciadores da literatura, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece as diretrizes gerais para a educação no Brasil, incluindo o ensino da leitura da língua portuguesa no ensino fundamental. Neste processo, a escola alinhada as diretrizes da LDB podem fornecer ideias que implementem de maneira criativa ao mesmo tempo que integrada para os alunos com necessidades específicas atividades diversificadas de forma inclusiva.

Como pude aprender na componente Sociolinguística, ministrada pelo professor Alexandre António Timbane, a língua é um instrumento de comunicação social, e ao reconhecer a língua portuguesa como um patrimônio cultural a ser valorizado, a LDB vem através de suas

diretrizes e bases promover não apenas o aprendizado das normas gramaticais, mas também a apreciação da literatura e da diversidade linguística do país. Isso é fundamental para que os alunos, desde cedo, desenvolvam habilidades que vão além da comunicação básica, preparando-os para serem agentes críticos reflexivos em uma sociedade multicultural, a qual chamamos de globalizada. Assim, o ensino de português se torna um veículo para a expressão individual e coletiva, seja na educação escolar básica no ensino fundamental I ou em demais segmentos.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS DA PESQUISA

O presente descrito trata-se de uma pesquisa mista a qual avalia tanto dados quantitativos quanto qualitativos. Será realizado um levantamento na Escola João Seabra de Almeida Veloso situada na Cidade de São Francisco do Conde-BA, região metropolitana de Salvador (BA), que atende crianças com necessidades específicas TEA. Mediante esse controle de informações da escola será produzido um questionário e encaminhando, de forma virtual pelo aplicativo da rede social whatsapp, para os profissionais que assistem essas crianças para análises e verificação das metodologias utilizadas pelos professores no ensino da leitura.

Conforme Bueno (2018, p. 19), “pesquisas quantitativas buscam conclusões ou resultados que possam gerar leis gerais ou relações de causa e efeito que, de alguma forma, sejam reproduzidas em outros contextos”. Esta afirmação destaca a capacidade das pesquisas quantitativas de gerar conclusões que perpassam o estudo particular de um fenômeno. Dessa maneira permite a formulação de leis gerais ou a identificação de relações de causa e efeito. Isso implica que, ao utilizar métodos estatísticos e amostras representativas, as pesquisas quantitativas fornecem um arcabouço para entender padrões comportamentais ou sociais que podem ser aplicados a diferentes contextos.

Ainda sobre pesquisas quantitativas, Bueno (2018, p. 19) afirma que “outro aspecto de destaque nas pesquisas quantitativas é seu caráter fortemente estruturado. Há uma sequência-padrão de etapas no processo desse tipo de pesquisa que deve ser seguida sempre”. Nesse sentido, dizemos que as pesquisas quantitativas apresentam um processo previsível em suas etapas. Claro, isso não significa que o resultado da pesquisa seja previsível. Isso significa que as pesquisas quantitativas são fundamentais para a generalização de resultados, contribuindo para realização e aplicação de investigações de maneira significativa para o avanço do conhecimento científico e para a elaboração de políticas e práticas que podem ser replicadas

em múltiplas situações, promovendo uma compreensão mais abrangente dos fenômenos estudados. Já sobre a investigação qualitativa, Bueno (2018, p.24) argumenta que:

“nas pesquisas qualitativas busca-se a compreensão do significado que as pessoas atribuem a algum problema específico”. Destaca-se o caráter subjetivo da análise e interpretação dos dados. Trabalha-se com informações não traduzíveis em números, mas em sentimentos ou percepções. O papel do pesquisador como intérprete é central nas pesquisas qualitativas. Outro aspecto é que tais pesquisas possuem caráter descritivo, que, aqui, faz referência ao fato de que os pesquisadores qualitativos têm o propósito de descrever e compreender fenômenos por meio das interpretações e dos significados gerados a partir do ponto de vista dos sujeitos da pesquisa. Em comparação, a pesquisa quantitativa busca descrever (e prever, sempre que possível) relações de causa e efeito dos fenômenos.

Na fala de Bueno (2018), podemos ver o quão complexo se torna o conhecimento humano, que muitas vezes não pode ser capturado por abordagens quantitativas. De modo que ao dar ênfase à compreensão dos significados que as pessoas atribuem às suas experiências, as pesquisas qualitativas valorizam a subjetividade, reconhecendo que sentimentos, percepções e contextos sociais desempenham um papel importante na construção do conhecimento. O pesquisador, como intérprete, torna-se uma figura central nesse processo, contribuindo com sua própria perspectiva para a análise dos dados.

Os procedimentos da pesquisa irão consistir na revisão bibliográfica de artigos, discussões teóricas e coleta de dados por forma a compreender a percepção dos professores com relação às metodologias de ensino da leitura na Escola campo João Seabra, que faz parte do município, por meio de um questionário que será compartilhado não somente para professores da cidade de São Francisco do Conde (BA), mas também para as demais cidades brasileiras, pois a pesquisa tem enfoque na Cidade de São Francisco do Conde (BA), mas as lacunas, no que tange a metodologia de ensino de leitura para crianças autistas, é ampla no sistema educativo brasileiro em geral. O questionário foi composto por 20 perguntas, sendo 19 do tipo fechadas e uma do tipo aberta. Após o preenchimento do questionário aplicado aos profissionais, foi feita uma anamnese detalhada dos dados coletados. A pesquisa observou as questões éticas como o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) dos participantes. Os informantes participaram voluntariamente, garantindo o sigilo das suas identidades, reservando as informações coletadas para fins da presente pesquisa.

Após análise e resultados do questionário, foram apresentadas as conclusões obtidas com a pesquisa, destacando a importância da intervenção precoce e individualizada no desenvolvimento de metodologias do ensino da leitura da língua portuguesa em crianças autistas. Também foram sugeridas possíveis direções para pesquisas futuras nesta área.

5.1 A CIDADE E A ESCOLA DE PESQUISA

A Escola João Seabra de Almeida Veloso fica localizada na Cidade de São Francisco do Conde- Ba é uma instituição de ensino que atende o nível fundamental I, e a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos. A presente escola em análise investigativa fica situada em um bairro localizado fora da área central da cidade e funciona nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. A escola dispõe de uma equipe de profissionais e um ambiente acolhedor. A escola tem como missão proporcionar um aprendizado significativo e adaptado a cada aluno com necessidades específicas, assistidos pelos profissionais da educação junto ao agente de inclusão. Participaram da pesquisa um total de vinte e dois (22) professores da cidade de São Francisco de Conde (BA). Uma vez que o questionário testou outras realidades, aceitamos receber as respostas dos seguintes informantes: um (a) informante da cidade de Madre de Deus (BA), sete (7) informantes da Cidade de Salvador (BA), um (1) informante de Candeias (BA), um (1) informante de Itaguaí (RJ) e cinco (5) informantes de Fortaleza (CE), o que totaliza 37 informantes.

5.2 ANÁLISES DA PESQUISA

Numa análise detalhada do questionário de pesquisa voltado à compreensão do ensino da leitura para crianças autistas revela a necessidade de um olhar cuidadoso acerca de metodologias de ensino, estratégias didáticas e desafios enfrentados pelos professores em formação inicial ou com anos de experiência. A elaboração do instrumento evidencia uma preocupação tanto com a contextualização didática quanto com a valorização da experiência docente, resguardando a complexidade da inclusão e a singularidade da aprendizagem de cada criança autista.

O questionário foi elaborado seguindo uma estrutura organizada composta por 20 questões, destas 19 fechadas e 1 aberta, em seções temáticas que abrangem aspectos diversos do processo de ensino da leitura, permitindo, ao mesmo tempo, a coleta de dados quantitativos e qualitativos, essenciais para uma análise aprofundada sobre a temática abordada. Essa combinação possibilitou compreender não só as práticas adotadas, mas também as percepções, dificuldades e estratégias de adaptação que os professores utilizam no cotidiano escolar. A seguir vamos apresentar os dados observados na coleta.

O questionário teve abertura e funcionamento para obtenção de respostas em quatro (4) dias e teve a participação e coleta de dados de 37 professores. Com relação ao sexo,

participaram da pesquisa 29,7% de pessoas do sexo masculino e 70,3% do sexo feminino. A linguagem empregada nas perguntas reflete um rigor técnico ligado ao ensino da leitura e atendimento de crianças autistas em sala de aula. Contextualizando os temas de forma acessível, sem perder a formalidade requerida pela pesquisa acadêmica. Palavras como “metodologias”, “adaptações curriculares”, “ensino de leitura” e “Alunos autistas” foram empregadas de forma a demonstrar o anseio ou mesmo preocupação em aprofundar o entendimento sobre os procedimentos utilizados no ensino da leitura bem como suas justificativas e impactos na aprendizagem de crianças autistas.

Em relação à coleta de dados, o questionário demonstrou rigor ao privilegiar a confidencialidade e o respeito às opiniões peculiares de cada profissional, valorizando suas expertises e perspectivas individuais. A inclusão de perguntas de múltipla escolha, listas de verificação e espaço para comentários livres favoreceu uma análise mais rica e diversificada, permitindo que os professores expressem suas experiências de modo completo e genuíno.

Outro aspecto relevante refere-se às questões relativas à formação e à experiência dos professores. Nas respostas é possível observarmos que na grande maioria teve a formação recentemente. A questão foi elaborada visando investigar o nível de preparo específico, o grau de familiaridade com as recomendações de profissionais especializados e as ações de formação continuada a que os professores participaram. Esse resultado aponta o despreparo aos docentes e requer uma compreensão de que a qualificação docente constitui como elemento fundamental na promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para essa população particular. Dos dados fornecidos no questionário aplicado 61,2% são licenciados, 27,8% são bacharelados, 8,3% são mestre e apenas 2,8% são doutores.

Na terceira questão do questionário faz um levantamento dos anos de “experiência profissional dos professores” e a grande maioria dos participantes possui de um à cinco anos (43,3%) e as restantes faixas (6 à 10, 11 à 15 e 16 ou mais) com 18,9%.

Numa análise comparativa de duas questões aplicadas no questionário (Questão 4 e 5) que se refere ao professor ter ou não alunos autistas ao longo de sua formação docente e anos de experiência e formação ou especialização para trabalhar com alunos autistas, obtivemos o seguinte resultado: Experiência com alunos autistas: Sim: 86,5%, Não: 13%. Já em relação a formação ou especialização para atendimento de alunos autistas: Sim: 56,8%, Não: 43,2%. A alta porcentagem de professores (86,5%) que afirmou ter alunos autistas em suas turmas indica que a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma realidade significativa no contexto educacional. Isso sugere que muitos educadores estão, de fato, lidando

com a diversidade na sala de aula, o que pode enriquecer a experiência de aprendizado tanto para alunos autistas quanto para os restantes alunos da turma.

Por outro lado, a formação ou especialização para o atendimento de alunos autistas está dividida em 56,8% dos professores possuindo alguma formação e 43,2% sem essa especialização. Essa divisão sugere que, embora muitos educadores tenham experiência prática com alunos autistas, apenas uma maioria relativa possui a formação específica que poderia ajudá-los a dar suporte mais eficaz a esses alunos.

Numa escala de 91,9%, dois professores consideram que existe distinção na metodologia do ensino da leitura para alunos autistas e uma pequena parcela de professores apenas 8,1% considera não haver diferença ao mesmo modo que, 86,5% classifica como dificultoso o ensino para alunos autistas e 5% considera fácil. Cerca de 8,1% dos professores considera que dentre as habilidades que o professor necessite ter dentro da sala referente a conhecimento TEA é o principal. Cerca de 62% responderam que criar rotinas de estudo está em segundo lugar, terceiro afirma com 43,2% leitura audiovisual através de recursos tecnológicos e por fim 40,5% avalia ser a leitura compartilhada. 57,1% dos professores participante da pesquisa considera que o aluno autista pode aprender a leitura no tempo hábil de 4 à 5 anos de idade. Cerca de 40% de 7 a 9 e apenas 3% considera ser de 10 ou mais. Como bem menciona Gomes (2015, p.23), em seu artigo, habilidades de leitura devem ser ensinadas preferencialmente em idade escolar como muitas crianças com autismo podem apresentar dificuldades nesse processo é recomendável que o início da alfabetização ocorra precocemente (entre 4 a 5 anos de idade) antes de crianças típicas (sem autismo) de mesma idade.

Essa afirmação é importante, pois as dificuldades que muitas crianças autistas enfrentam na comunicação e na compreensão podem ser amenizadas com um ensino direcionado e adaptado. Iniciar o processo de alfabetização entre 4 a 5 anos permite que essas crianças desenvolvam habilidades linguísticas e cognitivas essenciais, potencializando seu aprendizado e integração social. Além disso, essa prática ressalta a necessidade de um currículo inclusivo que reconheça e responda às singularidades de cada aluno, promovendo um ambiente educacional mais equitativo. Por fim, enfatiza-se a urgência da formação contínua adequada para educadores.

Na sua grande maioria, os professores participantes da pesquisa, considera que o aluno com autismo consegue sim alcançar a habilidade de leitura (58,3%) e apenas 41,7% considera que o aluno não consegue ler. Os dados mostram que 56,8% dos professores afirma ter utilizado as PECS para o ensino de leitura dos alunos autistas e 40,5% informantes nunca utilizaram.

Quando questionados, os professores caso um aluno se recuse a participar da proposta de atividade o que o professor pode fazer? 48,6% dos professores participantes responderam que o professor pode recorrer à adaptação da proposta de atividade e a necessidade do aluno, o professor deve estimular o aluno (27%) e 21,6% considera o uso de PECS e apenas 3,4% considera que o professor deve utilizar recursos tecnológicos como por exemplo, materiais audiovisuais.

Dos professores participantes da pesquisa 69,4% considera importante que o professor se comunique devagar para que o aluno compreenda as orientações.

Perguntados se a escola deveria ter um especialista que acompanha crianças autistas, os informantes afirmaram que 82,9% a escola deveria ter uma equipe de referência em autismo enquanto que 1,4% acha que talvez haja uma necessidade e 5,7% não concorda com a necessidade de uma equipe multidisciplinar para atender alunos com essas necessidades educativas.

Da pesquisa se observa que 75% afirma que na escola a qual trabalham não tem cartilha de acompanhamento pedagógico dos alunos e apenas 25% afirmam ter. Esta questão é preocupante, uma vez que alguns professores não possuem conhecimentos aprofundados para o atendimento de crianças autistas. A referida cartilha trata-se de um instrumento importante para a orientação dos professores na sua atuação.

Perguntados se o aluno autista vai ou não chegar a ler, 97,2% considera que o processo de ensino da leitura do aluno autista não vai acontecer nunca e apenas 2,8% considera ser possível que o aluno com necessidade específica possa aprender. Com isso, pretendemos afirmar que o professor não pode desistir do aluno. Cada aluno tem as suas particularidades e pode, na medida do possível aprender a ler.

Perguntados se os alunos autistas deveriam ficar em sala isolada 69,4% dos professores não concordam e apenas 30,6% concordaram em parte. Na 20ª questão para descrição de um breve relato sobre utilização de metodologias de ensino para leitura a pesquisa obteve relatos e sugestões nesse sentido, logo a seguir trarei algumas das descrições.

Os informantes comentaram que é necessário diversificar as atividades em sala de aula porque os alunos não aprendem da mesma forma. Por isso, é necessário adaptar as metodologias de acordo com as necessidades do aluno. Os comentários dos informantes (Pergunta 20) mostram que algumas crianças que foram integradas em turmas normais conseguiram se integrar, aprendendo com outras crianças e melhorando as habilidades da fala, o que não acontecia antes da inclusão nas turmas. A seguir passamos a mostrar alguns comentários que nos ajudam na reflexão sobre as metodologias de ensino da leitura em crianças autistas:

Comentário 1: *Durante minha trajetória como Agente Educacional e recém-formado em Pedagogia, tive a oportunidade enriquecedora de atuar junto a crianças autistas no processo de alfabetização. Essa vivência foi, sem dúvida, uma das mais significativas da minha formação, pois me ensinou que o ensino da leitura vai muito além do domínio técnico das letras e sons — ele exige sensibilidade, escuta ativa e, sobretudo, respeito às singularidades de cada aluno. Desde o início, compreendi que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) demandam abordagens específicas, adaptadas às suas formas únicas de perceber e interagir com o mundo. O uso de materiais visuais e concretos se mostrou essencial: cartões com imagens, letras móveis, histórias em sequência e jogos pedagógicos foram ferramentas fundamentais para despertar o interesse pela leitura. Muitas vezes, o texto precisava ser acompanhado de pistas visuais e contextos previsíveis, o que ajudava a reduzir a ansiedade e a promover a compreensão. Uma das estratégias mais eficazes foi trabalhar com a repetição estruturada de palavras e frases, sempre respeitando o ritmo da criança. Algumas apresentavam hipersensibilidade auditiva ou dificuldade de manter contato visual, o que exigia de mim atenção redobrada à linguagem corporal e aos sinais não-verbais. Aprendi, na prática, que o vínculo afetivo é um ponto de partida indispensável — sem ele, nenhum método se sustenta. Também foi fundamental contar com o apoio de uma equipe pedagógica acolhedora, que valorizava a inclusão não apenas como diretriz, mas como prática diária. Em parceria com professoras e com a família, criamos rotinas adaptadas que ajudaram os alunos a se sentirem seguros no ambiente escolar e, a partir daí, explorarem com mais autonomia o mundo da leitura. Ensinar crianças autistas a ler não é sobre acelerar o processo, mas sobre tornar o caminho acessível e significativo. Cada pequeno avanço — reconhecer o próprio nome, repetir uma palavra com intenção, virar a página de um livro com curiosidade — era celebrado como uma grande conquista. Acredito firmemente que a leitura, quando trabalhada com paciência, empatia e criatividade, pode se tornar uma poderosa ferramenta de expressão e inclusão. Essa experiência reforçou em mim o compromisso com uma educação que respeita as diferenças, que acolhe e que acredita no potencial de cada criança. Continuo aprendendo todos os dias e espero contribuir cada vez mais para práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas e transformadoras.*(Informante 17).

Comentário 2: *Ao longo da minha experiência no ensino da leitura para crianças autistas, desenvolvi práticas pedagógicas centradas na individualização do processo, respeitando o ritmo e as particularidades de cada criança. Utilizo recursos visuais, como imagens, símbolos e sistemas aumentativos de comunicação, para facilitar a compreensão e o interesse pela leitura. A construção do vínculo afetivo e o ambiente estruturado são fundamentais para promover a motivação e a segurança necessárias ao aprendizado. Além disso, adapto estratégias que envolvem o uso de tecnologias assistivas e atividades lúdicas, promovendo a interação e o desenvolvimento das habilidades comunicativas e cognitivas, sempre em colaboração com a família e a equipe multidisciplinar.* (Informante 36).

Comentário 3: *Muitas das crianças com TEA tem seu hábitos, até essa criança chegar a escola, já existe um sistema de rotina diária, e tudo vai depender dos acompanhamentos que tem e o seu grau de suporte. Dentre várias atividades de leitura, é importante ter algo que chame sua atenção, desenho, algo com a cor, algo com uma numerologia.. Funciona muito bem, mas é importante saber oq essa criança gosta pra ser adaptado.* (Informante 30)

O resultado do questionário implica e reafirma a falta de formação continuada, a discrepância entre a alta porcentagem de professores que têm alunos autistas e a porcentagem menor de professores que possuem formação específica para atender alunos autistas pode indicar uma necessidade de investimento em formação continuada. Os programas de capacitação e cursos sobre as melhores práticas para o ensino aos alunos autistas podem ser

extremamente benéficos para proporcionar um suporte mais adequado. Há??? falta de apoio institucional revela a necessidade de reforçar a formação do professor em suas propostas pedagógicas, criando uma cultura de apoio e inclusão que não se baseie apenas na experiência, mas também em conhecimento estruturado.

5.3 APLICAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS PARA CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA JOÃO SEABRA

Durante a análise das respostas dos questionários dos professores da Escola João Seabra pude observar que a escola dispõe de algumas aplicações de metodologias ativas no ensino da leitura para crianças com necessidades específicas, especialmente autistas. Deixo claro que as descrições a seguir vêm ser detalhadas com o olhar cuidadoso de uma profissional da educação e pesquisadora, para possíveis melhorias no ensino e aprendizagem das crianças, visto que as práticas pedagógicas inclusivas facilitam o aprendizado dos alunos com TEA. A seguir, a listagem de algumas das metodologias utilizadas pela Escola João Seabra.

As salas dispõem de alguns recursos didáticos que auxiliam esse processo de ensino da leitura como materiais visuais que ficam dispostos em locais estratégicos. Os alunos tinham acesso a livros, o ambiente era tranquilo sem agitação dos alunos, o que ajudava a manter a concentração, e assim criava um ambiente acolhedor. Uma observação que vale ressaltar é que todas as turmas dispõem de um profissional responsável por auxiliar o aluno autista nas tarefas diárias na sala, que recebe o nome de “agente de inclusão”, o papel deste seria incluir o aluno no ambiente escolar, mas sabemos que, por vezes, essa inclusão não acontece, e na escola João Seabra não foi diferente. O agente de inclusão acaba desempenhando o papel de auxiliar de classe ou agente de apoio do professor regente da turma. Os professores comentam nos dados que numa sessão de leitura compartilhada, o professor lê um livro, enquanto os alunos seguem com suas cópias. O professor pode fazer pausas estratégicas para a interpretação do texto, estimulando a participação ativa dos alunos autistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações descritas no texto e análise do questionário aplicado podemos afirmar que, embora a maioria dos professores com alunos autistas, disponham de conhecimento prévio sobre o autismo, a formação específica ainda é um aspecto que necessita

de atenção. A integração de teoria e prática pode levar a um ensino mais inclusivo e eficaz, beneficiando toda a comunidade escolar. É necessária uma atenção especial e dedicada às estratégias de leitura empregadas, abordando desde métodos tradicionais até abordagens inovadoras, incluindo o uso de recursos tecnológicos, recursos sensoriais e atividades lúdicas. Assim, o questionário buscou mapear as práticas contemporâneas, bem como identificar possíveis lacunas e áreas de aprimoramento, promovendo um entendimento abrangente do sistema educativo brasileiro.

Partindo dos dados da pesquisa, é possível avaliar que os professores da escola pesquisada utilizam uma abordagem fônica com o auxílio da psicopedagoga que ensina as crianças a reconhecerem sons e letras, promovendo a decodificação de palavras. Essa técnica é particularmente eficiente para alunos com necessidades específicas e algumas particularidades e dificuldades de aprendizagem. Os professores adaptam as atividades conforme as necessidades dos estudantes, oferecendo suporte individualizado. A maioria dos professores da Escola João Seabra de Almeida Veloso são formados em Pedagogia com especialização em diferentes áreas em especial na educação inclusiva. Eles participam regularmente de capacitações e workshops que abordam metodologias inovadoras de ensino, fornecida pela Secretaria de Educação do Município de São Francisco do Conde (BA).

A metodologia de projetos também é utilizada, onde as crianças desenvolvem atividades em grupo relacionadas a temas literários. Essa abordagem promove a colaboração, a comunicação e o engajamento dos alunos, além de facilitar a compreensão de conceitos complexos através de experiências práticas. Os professores mantêm um contato próximo com as famílias, oferecendo orientações sobre como apoiar a leitura em casa. Este envolvimento é fundamental para a continuidade do aprendizado e estabelece uma rede de apoio consistente para cada aluno.

Mas vale salientar que é imperativo que abordemos uma questão metodológica frequentemente negligenciada, mas de suma importância, a eficácia das atividades escolares enviadas para realização em casa. Observa-se que muitos professores remetem tarefas aos alunos sem considerar o contexto familiar em que estes estão inseridos. Em particular, é necessário refletir sobre a realidade de alunos cujos responsáveis não são alfabetizados ou enfrentam dificuldades significativas em auxiliar na execução das tarefas propostas. Essa situação ressalta a importância de que o professor em sala conduza a elaboração dessas atividades durante o período escolar, aproveitando o tempo em que o aluno se encontra na unidade de ensino. Ao realizar a proposta de atividade em sala, o professor está em uma posição

de oferecer ou mesmo fornecer suporte, orientações, esclarecer dúvidas e acompanhar a construção do conhecimento do aluno.

Vale ressaltar que a experiência de ter alunos autistas em sala de aula pode, muitas vezes, fornecer aos professores conhecimentos valiosos sobre inclusão, adaptação de metodologias e construção de um ambiente de aprendizado mais acessível. No entanto, a combinação dessa experiência com formação especializada maximiza as oportunidades de aprendizado para todos os alunos.

No panorama geral, o questionário se revela uma ferramenta de grande valia para pesquisadores interessados em compreender as nuances do ensino de leitura para crianças autistas. Sua estrutura proporcionou uma coleta de dados que combina o rigor técnico com a sensibilidade necessária para captar as complexidades inerentes à realidade inclusiva. Assim, tal instrumento contribuiu de forma significativa para ampliar o entendimento sobre as práticas pedagógicas, possibilitando a elaboração de políticas, programas e formações que sejam verdadeiramente pertinentes às necessidades dos educadores e das crianças com transtorno do espectro autista.

Por fim, a análise do questionário evidencia que a sua construção reflete uma abordagem epistemológica que valoriza tanto a evidência quanto as experiências subjetivas dos professores no que tange ao ensino de leitura para alunos autistas, configurando-se como um passaporte para o avanço do conhecimento na área da educação inclusiva, sobretudo no que tange à alfabetização e leitura de crianças autistas. A sua aplicação certamente trará subsídios valiosos para a reflexão, aprimoramento e inovação das práticas pedagógicas, contribuindo para uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva no âmbito escolar. As discussões sobre a metodologia de ensino da leitura para crianças autistas não terminam nesta pesquisa. Por questões de tempo não foi possível realizar observações em sala de aula nem experimentar a aplicação de algumas metodologias para o ensino de crianças autistas. Esperamos desenvolver com mais profundidade nas próximas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: Brasília, DF: Câmara de Deputados.

BUENO, J de F. **Métodos, qualitativos e mistos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Departamento de Biblioteconomia. UFRJ, 2018.

CARNEIRO, B. S. *et al.* **Metodologias adaptadas para autistas em duas APAEs do Paraná.** (artigo não publicado)

DANIA, R. C. Processamento em leitura, estratégias metacognitivas e ensino: revisitando os temas. **Signo**, vol.43, nº77, p.125-142, 2018.

GOMES, C. G. S. **Ensino de leitura para crianças com autismo.** Curitiba: Appris, 2015.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura.** Porto Alegre: Luzzatto Editores, 1996.

MISAU. **Boletim Temático Da Biblioteca Do Ministério Da Saúde: Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo.** Brasília: MISAU, 2022.

OLIVEIRA, S. de L. A. et al. Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades. **Revista Educação Pública**, vol. 21, nº 3, s.p., jan.2021.

RIBEIRO, R. M. P. O processamento metacognitivo no ato de leitura: repensando o ensino. **Cadernos de Letras da UFF**, vol. 26, nº 52, p. 313-3, 2016.

RIO CLARO. Prefeitura. Secretaria da Educação. **Viajando pelo mundo da leitura: Educação Infantil, etapa II e Ensino Fundamental.** São Paulo: Centro de Aperfeiçoamento Pedagógico, 2022.

SANTOS, G. M. S. dos. Educação Inclusiva: **o processo de ensino-aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autista.** 2022. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Unidade Universitária de Luziânia, Universidade Estadual de Goiás, 2022.